

Depois do acidente

Choque de 13.800 volts em rede de alta tensão muda para sempre a vida de Flávio

► Por Alexandre Gusmão

Um acidente de trabalho sempre causa consequências. No caso de Flávio Lúcio Peralta as consequências transformaram totalmente a sua vida. Em 1997, com 29 anos ele trabalhava como eletricista de uma empresa prestadora de serviços do setor elétrico e no início da tarde do dia 21 de agosto a tarefa era trocar um transformador de energia em uma chácara, no interior do Paraná. A ideia de que acidentes só acontecem aos outros fez com que Flávio se descuidasse da segurança ao subir na escada para iniciar o trabalho. Ele não usava luvas, nem tinha feito os procedimentos básicos de prevenção e ao chegar próximo ao transformador de alta tensão recebeu uma descarga de 13.800 volts. Graças ao cinto de segurança não caiu, mas o choque foi tão violento que seu corpo começou a queimar.

A rápida chegada dos bombeiros foi fundamental para que ele não morresse ali mesmo. Resgatado numa maca, foi levado às pressas para um hospital. Começava ali uma nova etapa na vida dele. Seu estado de saúde era dramático. “Quando cheguei no hospital a preocupação dos médicos era apenas me manter vivo. Eu fiquei três dias urinando sangue. Eles nem ficaram preocupados com meus braços, pois a prioridade eram os rins que não funcionavam”, relata ele.

Estabilizado o quadro clínico, seus pais tiveram que tomar a dramática decisão de amputar os dois braços do jovem. Após a amputação houve uma infecção nos braços e ele teve que voltar para a sala de cirurgia para amputar mais uma parte. Depois começou a etapa dos curativos. Flávio conta que quando a enfermeira chegava no quarto ele tinha vontade de sair correndo: “Com os braços abertos para fazer a limpeza sentia uma dor insuportável. Eles colocavam gaze na minha boca para poder gritar de dor e para que as outras pessoas não se assustassem com os meus gritos.”

Passada a fase dos curativos, Flávio foi submetido a uma plástica para en-



xertar os braços. Após a cirurgia ele precisou ficar 40 dias no hospital: “Senti que tinha perdido a vida. Embora com coração e cérebro funcionando, sem as mãos não podemos pegar nada.”

PRÓTESE

Após a recuperação viria o momento de deixar os braços preparados para colocação da prótese. De seu braço esquerdo a amputação salvou o cotovelo, mas era preciso aumentar o tamanho em seis centímetros por meio da colocação de um aparelho com pedaços de ferro dentro do osso. Ele conta que as dores foram insuportáveis. Quando tirou esse aparelho teve um choque anafilático, causado pela anestesia, e foi parar na UTI.

Flávio teve que fazer 12 cirurgias. Só depois pôde implantar uma prótese no braço esquerdo. O elevado custo da prótese para o braço direito impediu que ele a colocasse. As próteses, todas as cirurgias e reabilitação foram custeadas pelo SUS e sua família. A empresa onde ele trabalhava não ajudou em nada.

“Hoje, relata ele, uso uma prótese de mão mioelétrica, que mexe os dedos, e posso fazer muita coisa sozinho. Por exemplo, digitar no computador, escovar os dentes com uma escova elétrica, beber água e etc. Vivo muito bem sem os meus braços e a cada dia agradeço a Deus por ter me dado minha vida de volta.”

Depois de reabilitado, Flávio foi aposen-

tado por invalidez, já que havia perdido os dois braços. Mas queria continuar produzindo. Estudou informática e se transformou num webdesigner. Em 2003 criou o site www.amputadosvencedores.com.br, motivado por suas dificuldades em encontrar informações sobre sua nova condição de deficiente físico. “Logo que sofri o acidente, encontrei muitas dificuldades em achar as informações que pudessem me auxiliar. Assim, tive vontade de poder ajudar outras pessoas com dicas, vídeos, fotos de próteses, depoimentos.”

Além das atividades de fisioterapia e hidroterapia, ele trabalha em casa na manutenção do site e ministra palestras na área de Segurança do Trabalho e motivacionais. Flávio começou a fazer palestras sobre sua experiência, principalmente dentro de empresas, voltadas à Segurança do Trabalho. Seu relato foi ouvido por milhares de trabalhadores e tem servido como um importante instrumento de motivação na busca por uma postura mais segura nos locais de trabalho. “Por meio das palestras alerto as pessoas a tomarem consciência para usarem os equipamentos necessários, pois o prejuízo é muito grande na vida do trabalhador.”

Ele vive em Londrina/PR com a esposa, a assistente social Jane Cristina, que conheceu após o acidente e com quem teve o filho Vinícius, de cinco anos. “Hoje consigo fazer muita coisa sozinho. Viajo sem ninguém e cuido sempre do meu filho. Muitas vezes ficamos sozinhos. Adaptei minha casa para fazer algumas coisas, mas para o essencial ainda preciso de alguém. Flávio reconhece que o acidente mudou sua forma de encarar a vida: “Dou muito mais valor à vida do que antigamente. Tento observar os mínimos detalhes para não me machucar novamente. Entendo a importância de seguir as regras de Segurança do Trabalho e em casa”, finaliza.

Para saber mais sobre Flávio Lúcio Peralta, visite o site www.amputadosvencedores.com.br ou envie e-mail para flavio@amputadosvencedores.com.br.